



## O Que Dizer sobre a Alteridade em Vygotsky e em Lévinas: Será Possível um Diálogo?

*Cláudio Romero Pereira de Araújo<sup>1</sup>*

**Resumo:** Neste artigo vislumbramos iniciar uma perscrutação a partir dos postulados vygotkianos acerca da alteridade. Percorremos de forma introdutória uma investigação em quais momentos nos deparamos com os postulados vygotkianos que remetem à alteridade. Em seguida, estabelecemos um diálogo com as proposições levinasianas.

**Palavras-Chave:** Alteridade em Vygotsky; Alteridade em Lévinas; estudo comparado da categoria de alteridade.

## What about Alterity in Vygotsky and Lévinas: Would it be a Dialogue Possible?

**Abstract:** In this article, we envision starting a survey based on Vygotskian postulates about otherness. We went through an introductory investigation into which moments we face with the Vygotskian postulates that refer to otherness. Then, we establish a dialogue with the Levinasian propositions.

**Keywords:** Alterity in Vygotsky; Alterity in Lévinas; comparative study of the category of otherness

### Introdução

A discussão sobre o Outro em psicologia pode ser considerada recente, uma vez que existe toda uma tradição fundada na perspectiva solipsista. Contudo, os avanços nas pesquisas têm propiciado levar ao reconhecimento da alteridade como condição na constituição da subjetividade. Reconhecer o lugar do outro tem sido uma dimensão importante para a compreensão da formação da singularidade.

No contexto da contemporaneidade, nos defrontamos com uma posição que se opõe à tradição filosófica moderna com sua concepção de um Eu como unidade auto constituída, sem considerar a existência de um Outro e de outros singulares diferenciados. Essa é a mesma

---

<sup>1</sup> Mestre em Psicologia da Universidade Federal do Ceará – UFC, psicólogo, professor do Departamento de Educação da Universidade Regional do Cariri – URCA. claudio.araujo@urca.br.

posição que antagoniza com a clássica oposição sujeito/objeto como enfoque epistemológico do pensamento moderno.

No caminho do reconhecimento da alteridade nos processos de constituição do *self* encontramos contribuições de diversas teorias, desde a tradição fenomenológica até as vertentes contemporâneas do behaviorismo social, sócio-contrutivismo e as psicanalíticas. Para todas essas teorias não há dúvida de que existe na formação do *self* um Outro. Assim como foi posto por Figueiredo e Junior (2004) – um “self generalizado” -, e outros – selves diferenciados -, em suas existências concretas, e eventualmente em sua radical alteridade.

Diante do exposto, podemos observar que historicamente na psicologia temos encontrado várias vertentes contribuindo na investigação da alteridade. Contudo, como objeto de nosso estudo em particular, nos deteremos com a contribuição de Vygotsky, no campo da psicologia e, no campo da filosofia iremos abordar a perspectiva de Lévinas.

### **Considerações iniciais**

Falar de teóricos da importância de Vygotsky e Lévinas é um grande desafio, considerando que possuem amplo referencial com diversas inserções e perspectivas, tanto no campo da psicologia como no da filosofia. Suas construções possuem significativas contribuições em muitas searas, o que implica um leque de abrangência considerável.

No entanto, nos propomos aqui a explorar em nosso trabalho a discussão sobre alteridade à luz dos dois autores, tentando discutir o significado desta nas suas teorias e de que forma estas impactam na psicologia contemporânea, além de investigar se será possível estabelecer um diálogo entre as duas abordagens. É evidente que não nos deteremos de forma aprofundada, uma vez que este pode ser considerado um trabalho introdutório, além de compreendermos que teóricos dessa envergadura possibilitariam uma ampla e profunda discussão, considerando a gama de conteúdos produzida pelos referidos teóricos.

### **Um pouco de Vygotsky**

Quem foi Vygotsky? Vygotsky (1896-1934) (VEER e VALSINER, 2001) viveu apenas 37 anos. Nasceu na extinta União Soviética e apesar de breve, sua produção intelectual foi vasta e com abrangência em várias áreas, incluindo a psicologia, filosofia, neurologia, literatura, arte, educação, entre outras. Falar de Vygotsky tem um significado, que vai além de entender as

razões que motivaram este conceituado teórico a propor construir uma nova psicologia, opondo-se àquela que a denominava de tradicional. Sua trajetória científica se construiu em meio a um momento histórico pós-revolucionário, e como tal, é de se esperar que espíritos inquietos, provocantes e provocadores pudessem se arvorar em um campo que se propusesse construir o novo. Nesse processo, Vygotsky (1999) quando discute a psicologia, surge como um cientista original, que aponta nuances até então não exploradas, pelo menos segundo a mesma ótica, passando a introduzir os aspectos históricos e culturais para o âmbito da ciência psicológica, desconstruindo toda uma tradição imposta na investigação e construção teórica, segundo a ênfase da psicologia do indivíduo. Aqui encontramos o momento divisor entre uma psicologia fundada no indivíduo e uma psicologia em que compreende o indivíduo se construindo pelas relações que se dão no ambiente histórico e cultural.

Nessa construção da nova psicologia é que entendemos que Vygotsky agrega a compreensão do outro como elemento participante da formação da singularidade. Este elemento está presente na dimensão do indivíduo ser construído na relação com o outro, no ambiente que é histórico e cultural. Esta talvez seja a mais importante perspectiva da alteridade que é inaugurada nas proposições apresentadas por este autor, além de propor novas categorias que ampliam a forma de compreender o indivíduo, incluindo a discussão sobre a formação das funções psíquicas superiores, onde considera a intersubjetividade como referente na formação do psiquismo, além da sua ampla investigação sobre as categorias de pensamento e linguagem, que são abordadas segundo a ótica da mediação e também como categoria formadora do psiquismo.

### **O que dizer sobre Alteridade em Vygotsky?**

Como foi mencionado acima, Vygotsky (1929/2003, 1995, 1997, 1999, 1998, 2000, 2015), quando debate sobre a psicologia, desconstrói toda uma concepção de homem fundada em uma psicologia do indivíduo, trazendo para o centro da discussão os aspectos do âmbito do histórico e cultural. O homem que está sendo apresentado, segundo essa vertente, é um homem que se constrói socialmente. Em sua obra *Teoria e método em Psicologia* (VYGOTSKY, 1999), fica muito bem demarcada a ciência psicológica que ele propõe criticar na ótica da psicologia tradicional e construir uma nova psicologia fundada em uma perspectiva em que a alteridade se faz prevalecer.

É no sentido de deixar clara a posição vygotskiana ante a alteridade que fomos encontrar no manuscrito de 1929 (VYGOTSKY, 1929/2003), no texto denominado *Psicologia concreta do homem*, os seus primeiros postulados acerca da alteridade. Vygotsky (1929/2003, p. 25)), na seguinte citação “ Em forma geral: a relação entre as funções psicológicas superiores foi outrora relação real entre pessoas. Eu me relaciono comigo tal como as pessoas relacionaram-se comigo”, esboça suas primeiras ideias e postulados com o tema da alteridade:

Em um parágrafo mais adiante do mesmo texto, o autor explora mais um pouco a concepção acerca das relações sociais na construção do psiquismo do homem.

Por trás de todas as funções superiores e suas relações estão relações geneticamente sociais, relações reais de pessoas. Homo duplex. Daí o princípio e método da personificação da pesquisa do desenvolvimento cultural, isto é a divisão das funções entre as pessoas, personificação das funções: por exemplo, atenção voluntária; um domina – outro está dominado. Divisão novamente em dois, daquilo que está unido em um (veja o trabalho moderno), desenvolvimento experimental do processo superior (atenção voluntária) em um pequeno drama. Compare Politzer: psicologia em termos de drama. (Ibid p. 26)

No parágrafo seguinte, que será citado a seguir, conceitua a palavra social segundo uma ampla dimensão como é compreendida pelo autor. Neste citação percebemos com muita clareza o papel do social para a sua teoria, traduzindo talvez como sendo esta a dimensão de maior importância em sua obra para a compreensão do indivíduo em toda a sua construção e complexidade.

A palavra social em aplicação no nosso caso tem muitas significações: 1) mais geral – todo o cultural é social; 2) sinal – fora do organismo, como instrumento, meio social; 3) todas as funções superiores constituíram-se na filogênese, não biologicamente, mas socialmente; 4) mais grosseira - significação – os mecanismos dela são uma cópia do social. Elas são transferidas para a personalidade, relações interiorizadas da ordem social, base da estrutura social da personalidade, transformadas em processos psicológicos - eles permanecem ‘quasi’ (sic) sociais. O individual, o pessoal – não é ‘contra’ mas uma forma superior de sociabilidade. (Ibid. p. 26-27)

## **Um pouco de Lévinas**

Quem foi Lévinas? Lévinas (1905-1995) nasceu na Lituania, de onde imigrou e se radicou na França. Foi um filósofo de grande importância, sobretudo tendo seus postulados percorrido vários desdobramentos e inserções em diversas áreas. Será com Emmanuel Lévinas, também discípulo de Edmund Husserl, que observamos o reposicionamento de uma certa “distância” entre eu e outro. Nesse contexto, identificamos de forma contundente a questão

ética: o outro – o outro concreto e singular – que precede o eu e exige trabalho e esforço, levando a inadequação, dor e sofrimento. A essas dores se convencionou chamar “trabalho de parto”, tal como citado por Figueiredo e Júnior (2004). Para Lévinas, a intersubjetividade é traumática, por que é considerada como ilusão do plano das intersubjetividades interpessoais. Diante do exposto, não há adaptabilidade entre eu e outro. O outro não só me precede, sempre me excede. Instala-se assim um plano de intersubjetividade traumática.

### **O que dizer sobre Alteridade em Lévinas?**

Figueiredo e Júnior (2004) afirmam que é com Emmanuel Lévinas, o filósofo lituano, conforme classificaram no artigo *Figuras da intersubjetividade na constituição subjetiva: dimensões da alteridade*, que entramos em contato com a matriz da intersubjetividade traumática. Artigo este que apresenta uma nova caracterização do conceito e da experiência da intersubjetividade a partir de quatro matrizes consideradas por eles como organizadoras e elucidadoras de diferentes dimensões de alteridade. Nessa matriz há a ênfase à irrupção da alteridade, ou seja, de que alteridade é um acontecimento traumatizante.

Segundo Lévinas, o outro me precede e me traumatiza, sendo dessa forma que me constitui. Em todas as situações que o outro emerge, estas não poderão ser assimiladas como no campo do já conhecido e automaticamente já disponível para o uso e o controle. O outro será sempre concebido como uma radical alteridade, que não deverá ser definido ou explorado a partir de uma experiência caracterizada como uma assimilação do que a princípio já se oferece como assimilável. Para Lévinas, citado por Figueiredo e Júnior (2004), uma relação intersubjetiva implica, invariavelmente, em um certo deslocamento, em uma certa cisão ou modificação na experiência subjetiva, seja em sua constituição primeira, seja em subjetividades já constituídas, mas em processo de reconstrução.

Segundo Lévinas, existiria em todo processo de subjetivação a experiência permanente de uma passividade radical, que seria a condição subjetivante básica. A experiência subjetiva pode ser compreendida como uma abertura permanente e inevitável ao outro, em sua alteridade, que sempre ultrapassará, por princípio, a nossa capacidade de receber, acolher e compreender, e que, no entanto, como condição do sofrimento, exigirá uma resposta. Dessa forma, para o referido autor, as experiências de subjetivação não deveriam ser apenas processos em que não necessariamente ingerirmos alimentos assimiláveis, vindos do outro, mas, principalmente, ser caracterizadas como convivências e transformações diante daquilo que a princípio tende-se a

excluir. Tudo aquilo que ignoramos, rejeitamos e rechaçamos é justamente o que é diferente de mim e poderia me fazer outro. Supor que uma experiência de subjetivação que ocorra apenas no sentido de só assimilar o outro acaba por ser o exercício da repetição, sendo a recusa à alteridade, e a própria experiência intersubjetiva se perderia com a mesmice que se repete.

Essa subjetivação que reconhece que algo do outro excede sempre a mim, no sentido de que não haverá uma perfeita adaptação, será provocado sempre de forma traumática. Isso leva ao trauma e ao que me excede, exigindo de mim trabalho. Essa situação acarreta em um inevitável impacto, que leva a não adaptação plena e à impossibilidade de adequação. De alguma forma, a experiência traumática do outro é o contraponto necessário à experiência trans-subjetiva para que de fato se constitua um campo de intersubjetividade.

Figueiredo e Júnior (2004, p. 21) afirmam que “a alteridade, nessa dimensão, é traumática porque produz fraturas e exige trabalho em processos permanentes de inadaptação entre eu e outro”.

### **Será Possível um Diálogo entre a Alteridade vygotskiana e levinasiana?**

Como vimos, no início do nosso artigo, a discussão sobre alteridade pode ser compreendida do ponto de vista histórico, desde as suas primeiras questões postas na filosofia, ou ainda mais recentemente pela psicologia, seguindo uma trilha de discussões e um percurso que irá desembocar sob várias vertentes. Contudo, neste trabalho nos propusemos explorar essa questão segundo a ótica do psicólogo Vygotsky e do filósofo Lévinas.

Dentro desse contexto, nos deparamos com uma questão central a ser debatida. O conceito de alteridade para os autores em discussão é o mesmo ou teríamos que analisar sob perspectivas diferentes? E ainda, discutir o que significa tais conceituações nos levaria a compreensões distintas nas suas formulações ante as perspectivas filosóficas ou psicológicas? Diante desses estudos, caberia também uma indagação acerca de como as respectivas abordagens impactam na psicologia contemporânea? Somos sabedores que tais questões remetem a amplos enfoques de análises, contudo procuraremos nos ater a uma abordagem introdutória do tema. Ao tentarmos aproximar teóricos de distintas nacionalidades e formações, nos deparamos com uma problemática por demais desafiadora. Por isso, antes de explorarmos as questões conceituais dos dois teóricos faremos uma breve biografia e trataremos em seguida de apresentar as suas proposições sobre a alteridade.

Nunes (1993) no livro *O outro e o rosto*, apresenta uma breve biografia de Emmanuel Lévinas que será descrita a seguir para nos ajudar na compreensão da construção teórica e do pensamento levinasiano. Em seu texto, diz que Lévinas nasceu em Kaunas, Lituânia, em 30 de dezembro de 1905, segundo o calendário Juliano. Foi estudioso do hebreu, da Bíblia, dos autores russos, em particular Dostoievski, bem como de outros clássicos da literatura. Durante a revolução russa, emigrou para a Ucrânia com a sua família. Em 1923 partiu para a França, iniciando seus estudos filosóficos em Estrasburgo. Em 1928-1929, frequentou a universidade de Fribourg onde assistiu aos cursos e seminários de Husserl e Heidegger, que marcariam seu itinerário filosófico. Em 1930 tornou-se um dos introdutores da fenomenologia na França com a sua tese sobre o pensamento de Husserl. Em 1939 foi prisioneiro no campo de concentração na Bretanha e na Alemanha. Sua família foi vítima do Nazismo. Depois de sua libertação assumiu por 18 anos a direção da Escola Normal Israelita Oriental de Paris, e ao mesmo tempo dedicou-se ao ensino de filosofia no ‘Collège Philosophique’. Em 1961, publicou *Totalité et Infini*, o seu livro mais conhecido. Desde 1964, ensinou também em Poitiers, Paris-Nanterre, Paris Sorbonne, mais tarde foi enviado às universidades de Louvaina, Leida, Friburgo (Suíça), Utrecht, e à universidade hebraica de Jerusalém. Em 1974, publicou a sua segunda obra mais importante *Autrement Qu’être*. Hoje, Lévinas é um dos filósofos mais citados, não só em filosofia mas em campos variados, onde são debatidos temas sobre moral, ética e no campo das ciências humanas.

Como podemos observar a história de Lévinas é demarcada por uma origem judaica que viveu durante os períodos da revolução russa e as duas grandes guerras, tendo sido detido nos campos de concentração na segunda guerra mundial. Sua formação filosófica o remeteu a uma produção intelectual de grande repercussão, não apenas na filosofia mas desembocando em diversas áreas.

Quanto a Vygotsky (2015) encontramos no livro *A formação social da mente* uma nota biográfica sobre o autor escrita por Alexander Luria que será descrita a seguir com a finalidade de nos ajudar a entender as contribuições do pensamento vigotskiano. Nesta nota diz que Vygotsky nasceu em 5 de novembro de 1896, na cidade de Osha, na Bielo-Rússia. Completou o primeiro grau em 1913, na cidade de Gomel. Em 1917, começou sua pesquisa literária após graduar-se na Universidade de Moscou. Entre 1917 e 1923, Vygotsky lecionou em uma escola de Gomel, além de dar muitas palestras e dirigir a seção de teatro do centro de educação de adultos. Nesse período fundou a revista literária *Verask*. Foi nessa ocasião que publicou sua primeira pesquisa literária, que mais tarde seria reeditada com o título de *Psicologia da Arte*.

Criou um laboratório de psicologia no Instituto de Treinamento de Professores, onde dava um curso de psicologia, cujo conteúdo foi publicado na revista *Psicologia Pedagógica*. Em 1924, Vygotsky mudou-se para Moscou, onde começou a trabalhar no Instituto de Psicologia, para em seguida trabalhar no Instituto de Estudos das Deficiências, criado por ele. Dirigiu departamentos de educação de crianças deficientes físicas e déficits mentais. Entre 1925 e 1934, reuniu um grande grupo de jovens cientistas que trabalharam na área da psicologia e no estudo das anormalidades físicas e mentais. Fez o curso de medicina em Moscou e Kharkov. Dirigiu o departamento de psicologia no Instituto Soviético de Medicina Experimental. Morreu em 11 de junho de 1934.

Os dois teóricos, a partir dessas breves biografias, possuem vários aspectos em comum. Pois nasceram aproximadamente no mesmo período e vivenciaram uma época comum, considerando sobretudo os aspectos da revolução russa. Contudo, Vygotsky, ao contrário de Lévinas, viria a morrer com poucos anos de vida, tendo este último uma existência mais longa. Foram ainda teóricos que se destacaram em suas áreas de atuação, Lévinas na filosofia e Vygotsky na psicologia, obtendo através de uma ampla produção científica notoriedade e reconhecimento.

Na discussão acerca dos elementos comuns aos dois teóricos encontramos neles uma grande capacidade para a formulação de novos sistemas em suas áreas de atuação.

Em Lévinas encontramos, a partir do texto de Nunes (1993), algumas considerações apresentadas por esta, como tendo sido sua posição científica dirigida para uma produção do novo, onde as suas contribuições emergiram para contestar a filosofia ocidental, que era pautada no pensamento da totalidade. A referida autora, afirma que, em seu texto *Totalidade e Infinito*, o autor discute dois sistemas filosóficos, onde refere-se a *totalidade* como o sistema filosófico ocidental em geral, enfatizado pelo sistema hegeliano, no qual se manifestaram as consequências desse pensamento. Diante desses postulados, vamos encontrar o conceito de alteridade em Lévinas, construído em seu sistema que contesta o pensamento filosófico ocidental. Pois, para Lévinas o sistema totalitário é um sistema onde a razão se tornou um mito, e onde o outro é julgado pelos cânones do Mesmo. Pois na sua opinião, a filosofia ocidental sempre tendeu a conciliar o outro no Mesmo. Por isso, para Lévinas, a totalidade opõe ao Infinito, a infinidade; o infinitamente infinito que é Outrem. O autor afirma que o ser opõe a transcendência, ao egoísmo, opõe um Altruísmo. Nesse sentido, trata-se de passar do Mesmo ao Outro, sendo que esta passagem vai se dar face-a-face, o lugar que a transcendência e o Infinito se manifestam. Em resumo, para o autor o Outro é o Infinito, que é constituído pela



exterioridade. Por isso, em Lévinas a alteridade é radical, por que o outro me excede, além do que me traumatiza. Não podemos ainda, esquecer que nessa concepção estamos diante de uma dimensão ética.

Vygotsky era soviético e viveu no período pós-revolucionário da União Soviética. Sua trajetória foi marcada por estar inserido em um tempo que necessitava produzir o novo. Em função disso, vimos em sua obra a tentativa de criar uma nova psicologia, opondo-se àquela que se convencionou chamar de tradicional, e nessa nova perspectiva defendeu a investigação de uma ciência pautada na busca da compreensão de um indivíduo construído em um ambiente que é histórico e cultural. Em *Teoria e método em Psicologia* (VYGOTSKY, 1999), nos deparamos com uma crítica severa ao modelo tradicional que fora organizado segundo a ótica de uma psicologia do indivíduo, passando a apresentar uma nova compreensão de indivíduo fundado em sociedade, que é, sobretudo, um ser histórico e cultural. Já explicitamos que, nessa vertente apresentada por Vygotsky, o outro tem uma dimensão decisiva como elemento da constituição das singularidades humanas. O outro é que me possibilita existir, sobretudo enquanto sujeito sendo construído em um ambiente histórico e cultural. O outro, na concepção vygotkiana tem a função de possibilitar, através das relações de mediação, a formação das funções psíquicas superiores porque estas são construídas socialmente. Além, é claro, de permitir a consolidação das subjetividades mediadas pelas relações sociais, consubstanciando a formação da personalidade, os processos identitários, entre outros.

Na tentativa de responder as questões por nós formuladas. Acreditamos ter respondida a primeira, onde acabamos de mencionar qual é a concepção de alteridade para cada teórico. Isto nos remete a segunda pergunta. Se a partir dessas concepções de alteridade será necessário fazer distinções no modo de como compreendê-las ante as perspectivas das concepções filosóficas e psicológicas.

Para respondermos a segunda questão devemos olhar a partir dos enfoques da questão formulada. É evidente que os temas discutidos pelos autores partem de áreas distintas. Lévinas chega a discussão da alteridade quando propõe um sistema filosófico que se opõe ao pensamento filosófico ocidental. Vygotsky debate a questão da alteridade quando propõe uma psicologia nova que está essencialmente consolidada sobre a ênfase social. Para os dois teóricos, a alteridade será um conceito de grande importância para a compreensão da constituição do indivíduo, ainda que tenham partido de enfoques distintos da questão, seja sob a ótica filosófica ou psicológica. É evidente que isto irá repercutir de diversas formas e em várias áreas da filosofia ou da ciência em geral, e sobretudo na psicologia.

Essa discussão nos remete a compreender que para Vygotsky a alteridade tem uma fundamental importância na construção da psique humana, sendo inclusive, a responsável pela formação das funções psíquicas superiores, personalidade, processos identitários, entre outros. Entretanto, seu enfoque traduz-se enfatizando a dimensão do puramente psicológico. Pois, o Outro têm um papel fundante na formação do sujeito que é construído em sociedade, significando, portanto, o mesmo estaria estritamente relegada a um papel das relações de mediação e com conotação marcante de estruturação psicológica.

Para Lévinas a discussão passa pela questão filosófica, quando procura romper com a concepção filosófica do pensamento ocidental que compreende o Outro com o mesmo. Sua análise remete a compreensão do Infinito como fundante na estruturação do psiquismo, mas sobretudo, a exterioridade como marca da significância de mim mesmo, esta sendo constituída na sua radicalidade, pela interpelação do outro em mim. A isso denomina a irrupção do outro em mim. Lévinas tem influenciado a construção do pensamento psicológico, no sentido de que o outro passou a ser uma dimensão a ser considerada, além de romper a linha solipsista do pensamento tradicional. Por isso, encontramos em Figueiredo e Júnior (2004) a classificação da sua concepção de alteridade como a dimensão de alteridade traumática.

Agora discutiremos a última das três questões formuladas. Para nós parece que a categoria alteridade é na contemporaneidade um postulado já consolidado na psicologia. Isso pode ser demonstrado quando olhamos para as diversas abordagens psicológicas, que dependendo do enfoque será possível encontrar o outro como um conceito formador das singularidades. Segundo esse aspecto, podemos identificar o outro na constituição do psiquismo e de singularidades em abordagens, tais como psicanálise, behaviorismo, sócio-construtivismo, entre outras.

No entanto, quando verificamos o conceito de alteridade em Vygotsky percebemos uma grande ênfase na dimensão do social, e o social aparece em seu corpo conceitual como delineador de toda singularidade e subjetividade do indivíduo.

Entretanto, se formos pensar na discussão segundo a ótica levinasiana, que discute a alteridade radical, e que foi fortemente influenciado por Franz Rosenzweig, podemos perceber que esta abordagem discute o conceito de alteridade segundo o enfoque ético, importando para a sua fundamentação o outro como excedente de mim. Esta perspectiva está consolidada na ótica de que o que me excede é o infinito, é Deus, e por isso será compreendida pela via da exterioridade. Este outro me afetará, me interpelará, a categoria existente na minha perspectiva

pessoal é o mim, o eu só pode ser formado pela interpelação do outro. O outro me impõe respostas (interpelação).

Nesse sentido, podemos perceber distinções dos conceitos e de enfoques, fazendo com que não pudéssemos deixar de registrar a perspectiva diferente da construção das duas teorias, em particular, as nuances atribuídas ao outro e o seu significado.

### **Considerações finais:**

O projeto de buscar fazer aproximações entre teóricos de áreas distintas para discutir o mesmo tema agora nos parece bastante ousado. Isso significa que não é nada fácil tentar aproximar fundamentações distintas sobre temas comuns, ainda que numa primeira vista pudesse parecer ser fácil, mas que em um segundo momento revelou-se de muita complexidade.

Contudo, podemos destacar a grande importância que a alteridade tem enquanto formulação teórica para as duas abordagens, mas as semelhanças se encontram apenas nessa compreensão, pois irão diferir em concepção, forma, conteúdo, estruturação e significação.

Nesse contexto, pudemos nos deparar com elaborações que partiram da concepção originada na filosofia e psicologia, e que foram concebidas e construídas segundo uma epistemologia e metodologias próprias, além de terem sido consolidadas em oposição a sistemas anteriormente formados em cada área específica.

### **Referências**

FIGUEIREDO, L. C.; JUNIOR, N. E. C. Figuras da intersubjetividade na constituição subjetiva: dimensões da alteridade. **Interações**, São Paulo, v. IX, n 17, p. 9-23, jun. / jul. 2004.

NUNES, E. P. L. **O outro e o rosto: problemas da alteridade em Emmanuel Levinas**. Publicações da Faculdade de Filosofia da UCP, Braga, 1993.

VEER R. V.; VALSINER, J. **Vygotsky: uma síntese**. Edições Loyola: São Paulo, 2001.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. (Psicologia e pedagogia)

VYGOTSKY, L. S. **Obras escogidas**. Tomo III. Madrid: Visor, 1995.

\_\_\_\_\_. **Fundamentos de defectologia**. Obras escogidas. Madrid: Visor, 1997. v.5.

\_\_\_\_\_. **Teoria e método em psicologia.** Tradução de Cláudia Berliner. Revisão de Elzira Arantes. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **A formação social da mente.** O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Organizadores Michael Cole [et al]. Tradução de José Cipolla Neto [et. al]. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

\_\_\_\_\_. **Psicologia pedagógica.** Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. Psicologia concreta do Homem **Caderno educação & sociedade**, São Paulo: n 71, p. 23-44, jun. 1929/2003.



**Como citar este artigo (Formato ABNT):**

ARAÚJO, Cláudio Romero Pereira de. O Que Dizer sobre a Alteridade em Vygotsky e em Lévinas: Sera Possível um Diálogo?. Id on Line Rev.Mult. Psic., Dezembro/2020, vol.14, n.53, p. 823-834. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 19/12/2020;

Aceito: 21/12/2020.